

## **Agruras da lata d'água**

Jessier Quirino, como um bom filho de exatas que tem um dedo em humanas, trabalha milimetricamente em seus poemas. Podemos classificar de uma oralidade e, porque não um grande apelo às raízes nordestinas com seus repentistas e cordelistas. Auguras é um livro que deve ser lido de forma lenta e pensativa, uma mesclagem de prosa e poesia com a maestria do Jessier. não é apenas o espetáculo cantado com o mesmo nome, é a visão mais genuína de nós nordestinos.

Há poemas que, como diria João Cabral, pedem para ser ditos “em voz alta”. Toda Poesia de Jessier Quirino é assim, não se contenta com leitura silenciosa e transborda numa oralidade compulsória. À medida que lia “Agruras da Lata D’água”, na salinha do Museu da Imagem e do Som, onde trabalho, fui sentindo vontade de que outros ouvissem o que lia, de compartilhar a leitura com os colegas de trabalho, e terminei lendo em voz alta para dois deles alguns fragmentos dos poemas que considerei mais criativos. É uma poesia que, por sua própria natureza, quer se mostrar, pede palco e público numerosos. Nisso, a sua consanguinidade com a produção ancestral dos violeiros repentistas do Nordeste. A maior parte da chamada poesia erudita, poesia de livro, da modernidade, parece ser feita para ser lida em recolhimento; pede reflexão e silêncio, como um sussurro do espírito. Mas, depois que o poeta Bruno Tolentino leu alguns de meus poemas em verso branco, dando-lhe um tom ao mesmo tempo coloquial e solene, cheguei à conclusão de que essa poesia em vez de baixa, que deseja ser sussurrada, também pode ser dita em voz alta, mas requer, para isso, uma oralidade específica, longe da teatralidade patética da Rede Globo quando, por alguma falha técnica, cisma em divulgar um poema. A poesia de Jessier requer a oralidade de um discurso cadenciado, mais violeiro e, por isso, mais agressivo e ousado, pois ele usa e abusa, inclusive, de neologismos, como neste fragmento de ‘Sóbrio’: “Se vaga-lumas na noite, Eu me vaga-lumarei, Se beberes rum-com-coca, Eu também rum-cocarei, E se tu café-com-leitas, Eu café-confeitaria”. Há na poesia de Jessier uma opção clara pelo humorismo, coisa rara na poesia moderna, pois o poema-piada dos modernistas de 22 quase não teve seguidores. No entanto, os violeiros repentistas, que nada têm a ver com aqueles poetas ricos que riem à toa, nunca abandonaram o humor, principalmente nas pelepas, onde as duplas fingem estar brigando. Jessier tem mais esse parentesco com os nossos Simônides nordestinos. A quase totalidade da poesia erudita moderna é sisuda demais, e mais triste do que a maioria do nosso povo. Não sei se porque, já prevendo uma profunda transformação no mundo rural, em virtude da força homogeneizadora dos meios de comunicação e das novas tecnologias, Jessier

Quirino, desde seu primeiro livro, vem fazendo uma espécie de entografia poética dos valores, hábitos, utensílios e linguagem do agreste e do sertão nordestinos. É um levantamento feito com muita minúcia, fruto de sua extraordinária capacidade de observação, de observador participante. Sua obra, não tenho dúvidas, além de seu valor estético cada dia mais comprovado, vai futuramente servir como documento e testemunho de um mundo já então engolido pela voragem tecnológica. O pouco que não me agrada em seu trabalho – a grafia “matuta” e o baixo calão – fica por conta das idiossincrasias necessárias para que haja pluralidade de tendências de expressão, sem as quais seríamos, os poetas, aborrecidamente parecidos uns com os outros. Afinal, a arte pode ser comunista, mais nem tanto. Recife, 23 de Agosto de 1998.

### **Delito Chumbregador**

Vi uma feme pernosa  
Do mocotó de bacia  
no bafo do meio -dia  
Mais parecendo miragem  
Apreciando a paisagem  
Dessa fulanez -de- tal  
Mulher nos prumos, nos grau  
Sem falha, sem defeitura...  
Dei por fé formosura  
Da sujeitice humanal

Da sujeitice humanal  
Descobri o que é o amor:

É um coice nos incomodos  
É um ligar de motor  
É um avoo de condor  
É injeiçao de fogueira  
É gá-gá-gá de gageira  
É lua no meio- dia  
É verso, é poesia  
É alegria, é frescor  
É colapso intupidor  
É desmai, é faniquito  
É mei camin prum delito  
Delito Chumbregador

### **Referência**

QUIRINO, Jessier. **Agruras da lata d'água**. Recife: Bagaço, 1998. 166 p.